

# Relações com Investidores

## Investidores Individuais no Brasil

Márcio Veríssimo\*

Nos Estados Unidos, investidores individuais representam uma parcela muito significativa do mercado de capitais. Investir em ações é parte tão arraigada da cultura americana que o mercado acionário - um dos "assuntos de botequim" - é discutido nos jornais e comentado em filmes e livros. Existem até histórias folclóricas de grupos de velhinhas aposentadas que se reúnem para montar clubes de investimentos.

É claro que o mercado de ações também é discutido no Brasil, mas com enfoque completamente diferente: ele é praticamente considerado um indicador macro-econômico. Os jornais o utilizam para avaliar se a economia está melhorando e se algum acontecimento político ou lei foi positivo. Enfim, utilizamos o Ibovespa como se fosse uma prévia diária do PIB brasileiro.

Um exemplo muito claro da diferença entre o Brasil e os Estados Unidos são as reportagens sobre companhias. Tipicamente, no Brasil, quando o jornalista pretende exemplificar que uma companhia tem tido bons resultados comenta o crescimento da receita, aumento de market share, volume de vendas, enfim, tudo menos o desempenho das ações.

Por outro lado, nos EUA, tudo é mercado de ações. Querem avaliar o desempenho do novo presidente? Vejam como a ação se comportou durante sua gestão. Querem saber se um novo mercado ou uma aquisição foi um fato positivo? Basta analisar a evolução das ações.

Por que esse caldo de cultura existe nos Estados Unidos e não no Brasil? Essa cultura incentiva os investidores individuais ou o grande número de investidores individuais incentiva a criação dessa cultura?

Eu diria que os dois caminham juntos, em um processo de incentivo mútuo. Na verdade, é preciso entender que o Brasil tem barreiras que dificultam significativamente o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro.

Em primeiro lugar, a poupança dos brasileiros é pequena, não apenas no que se refere ao mercado de ações. Existem mil e uma propostas de economistas sobre como incentivar a poupança privada, mas a verdade é que o Brasil não é um país rico e a lógica é simples: se você ganha 100 reais, não vai sobrar muito no fim do mês, se você ganha 100 mil reais, você certamente

terá uma bela poupança. Soma-se a isso a voracidade fiscal brasileira e o fato de que a poupança privada acaba pagando pelo déficit governamental.

Para completar, o mercado de capitais brasileiro tem mais uma série de deficiências próprias.

Entre essas deficiências, a primeira delas é do ponto de vista jurídico. A proteção legal para investidores individuais é muito ruim no Brasil. Ano após ano, alguma companhia aberta tunga seus minoritários. Não vou citar cada caso, mas a Animec - Associação Nacional dos Investidores do Mercado de Capitais - pode oferecer uma lista vergonhosamente extensa.

A segunda deficiência é macroeconômica. A volatilidade do mercado brasileiro representa um risco muito elevado para investidores individuais, desincentivando o investimento nesse mercado.

Mas o que já tem sido feito e o que pode ser feito além disso para contornar esses problemas e incentivar o mercado brasileiro de capitais?

Em primeiro lugar, melhorar o ambiente regulatório é essencial. Apesar da morosidade em aprovar uma nova Lei das S.A. e de esta ter um escopo limitado, merece destaque e elogio a iniciativa da Bovespa que estabeleceu padrões especiais de regulamentação, notoriamente os Níveis 1 e 2 e o Novo Mercado.

As companhias voluntariamente podem inscrever-se para negociar nesses mercados que exigem padrões mais elevados de transparência e, especialmente no Nível 2 e Novo Mercado, as companhias devem obedecer às determinações da câmara de arbitragem quanto a disputas com minoritários, o que reduz significativamente o risco regulatório, tanto de regras mais fortes quanto de maior velocidade de julgamento. Finalmente, o Novo Mercado não permite a existência de ações preferenciais, aumentando o poder dos minoritários.

Essa iniciativa tem um valor inestimável. Para medir a importância, o reconhecimento do mercado e a demanda reprimida que havia por esse mercado; basta verificar que desde que esses mercados foram instituídos, todas as novas emissões de ações importantes foram feitas em algum desses mercados especiais de negociação, principalmente os mais estritos, o Nível 2 e o Novo Mercado. Essas emissões têm contado com uma elevada participação de investidores individuais - será coincidência? Acredito que não.

A questão da cultura de mercado acionário é mais lenta e provavelmente levará muitos anos para chegarmos a uma massa crítica, contudo para isso temos que iniciar a plantar as sementes hoje.

Novamente a Bovespa tem liderado a mudança, realizando programas de marketing como o "A Bovespa vai até você", criando panfletos explicativos, organizando palestras, recebendo visitantes, tudo para explicar e incentivar

acionistas individuais.

Outra iniciativa que gostaríamos de sugerir à Bovespa é pedir ajuda à imprensa. Acreditamos que o jeito mais produtivo, ainda que mais lento, seja trabalhar a nova geração de jornalistas. Buscar efetuar palestras regulares, bem como buscar maior interação com a grade curricular, fornecendo know-how para incentivar a formação de jornalistas habilitados para cobrir o mercado.

A internet também foi um grande avanço. Em parte porque os websites de RI reduziram a distância entre companhias e pequenos investidores e em parte porque criou uma cultura de home-brokers.

Alguns incentivos do governo, como permitir que, em ocasiões especiais, o trabalhador use o FGTS para comprar ações como no caso da Petrobras, da Vale e Banco do Brasil.

Finalmente, o próprio bom desempenho do mercado acionário nos últimos anos tem atraído os investidores individuais.

Por outro lado, algumas dessas iniciativas têm também o seu lado negativo.

Por exemplo, cada vez que o mercado em alta atrai um número significativo de investidores e o mercado cai, seguindo um ciclo absolutamente natural, muitos investidores individuais deixam o mercado com prejuízos, criando-se um grupo que não retorna mais à bolsa de valores e que ainda cria um boca-a-boca negativo.

Do mesmo modo, a cultura de home-broker é muito voltada para a negociação diária, o que não é muito sustentável no longo prazo.

Acreditamos que muitas dessas iniciativas, no afã de incentivar investidores a entrarem no mercado de capitais, acabam chamando atenção exclusivamente para os lados positivos do que chamar atenção para os riscos envolvidos.

O mercado é realmente muito atrativo, mesmo com todas as suas particularidades, algumas negativas. Assim, o importante para uma perspectiva de longo prazo é mostrar todos os riscos e mitigantes.




Por exemplo, eu gostaria que quando eu fosse investir, o corretor me dissesse: "Você sabe que em algum momento você vai perder muito dinheiro? Por exemplo, nos anos tal, tal e tal, o mercado caiu X por cento. No entanto, nos anos seguintes o mercado se recuperou e mesmo com essas quedas superou o investimento em renda fixa em Y por cento."

O mercado financeiro não é para todos, nem para todos os momentos da vida. Mas uma atitude franca pode atrair muitas pessoas que hoje estão fora do mercado e cujo perfil mostra que deveriam ser investidores.

Como eu já disse, as últimas emissões contaram com participações significativas de investidores individuais e estes têm representado fatias crescentes do mercado brasileiro. O futuro do mercado de capitais parece promissor, ainda que caminhando a passos curtos.

\* Consultor, especial para Gazeta Mercantil  
E-mail: mverissimo@gazetamercantil.com.br

### Agenda do Investidor

			
<b>AES Eletropaulo</b>	-	-	30/03
<b>Bradespar</b>	31/03	01/04	12/04
<b>Copel</b>	-	28/03	-
<b>CPFL</b>	-	-	07/04
<b>Eletrobrás</b>	-	-	05/04
<b>Eletropaulo</b>	-	-	30/03
<b>Grendene</b>	-	-	28/03
<b>Mangels</b>	-	-	14/04
<b>Marcopolo</b>	29/04	05/05	14/04
<b>Net Serviços</b>	-	-	06/04
<b>Sabesp</b>	28/03	-	-
<b>Unipar</b>	11/05	-	12/05

Fonte: [www.divulgacaoexemplar.com.br](http://www.divulgacaoexemplar.com.br)